

The cover features a vertical photograph of a stone artifact, possibly a tool or part of a structure, with a rough, textured surface. A vertical dashed purple line runs down the left side of the image. At the top left, there are logos for 'NIA' and 'ERA ARQUEOLOGIA'.

NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

10

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2015

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2015**

Volume: **10**

Capa: Falange decorada proveniente do Sepulcro 2 dos Perdigões

(Foto: António Valera)

Director: **António Carlos Valera**

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL 05

António Carlos Valera
 “ÍDOLOS” FALANGE, CERVÍDEOS E EQUÍDEOS.
 DADOS E PROBLEMAS A PARTIR DOS PERDIGÕES 07

Beatriz Bastos
 POTENTIAL OF LIPID ANALYSIS ON PREHISTORIC
 PORTUGUESE POTTERY 21

António Carlos Valera, Rui Ramos e Patrícia Castanheira
 OS RECINTOS DE FOSSOS DE COELHEIRA 2
 (SANTA VITÓRIA, BEJA) 33

António Carlos Valera
 CIEMPOZUELOS BEAKER GEOMETRIC PATTERNS:
 A GLIMPSE INTO THEIR MEANING 47

Patrícia Castanheira
 MISERICÓRDIA II (BERINGEL, BEJA):
 ALGUMAS NOTAS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL
 NAS TERRAS DE BARROS 53

José Carlos Quaresma, Alexandre Sarrazola, Inês M. da Silva
 PRODUÇÃO DE VIDROS E IMPORTAÇÃO DE *TERRA*
SIGILATTA EM FINAIS DO SÉCULO V / PRIMEIRA METADE
 DO SÉCULO VI: O CASO DA MARINHA BAIXA, AVEIRO 63

Alexandre Sarrazola, Mónica Ponce,
 Teresa Freitas, Marta Macedo
 A RAMPA DOS ESCALERES À REAL CORDOARIA,
 BELÉM / JUNQUEIRA (SÉCULO XVIII) 77

Ana Olaio, Pedro Angeja, Álvaro Pereira,
 Gonçalo Sá-Nogueira, André Texugo
 ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO
 PATRIMÓNIO EM SANTARÉM 83



EDITORIAL

Chegamos, com a presente edição, ao número dez dos volumes publicados da *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Dez números em oito anos, com algum abrandamento e irregularidade nos últimos tempos relativamente aos primeiros. Nestes dez volumes publicaram-se 94 artigos, nos quais foram autores 80 colaboradores, que em vários casos aqui realizaram as suas primeiras publicações.

O projecto inicial, conforme se declarava no editorial do número um da revista, visava a “publicação de pequenos textos informativos ou problematizantes cuja divulgação por outros meios não se justifica por si só ou poderá ser demorada.” Pretendia-se “contribuir para a rápida difusão, referenciável e citável, de informações, ideias, pequenos estudos ou análises, cuja disponibilização mais imediata seja importante para o desenrolar da investigação e da actividade arqueológica colectiva”, respondendo desta forma às crescentes dificuldades financeiras que se colocavam às edições em papel e à proliferação da actividade arqueológica no âmbito da Arqueologia de Salvamento.

A intenção inicial, porém, viria a ser progressivamente alterada pela realidade. A tradicional tendência para publicar pouco, que sempre caracterizou a Arqueologia portuguesa nos seus mais variados âmbitos, tem mais a ver com uma postura que com qualquer ausência de meios.

Como resultado, a revista acabou por enveredar pela publicação de alguns textos de maior fôlego (que fogem a um *Apontamento*) a par de outros que melhor respondiam às intenções originais e o seu ritmo de publicação adaptou-se à produtividade daqueles que se disponibilizaram a colaborar.

O resultado, contudo, tem sido positivo, e a julgar pelas citações que, no país e no estrangeiro, os textos da *Apontamentos* têm merecido, a iniciativa ganhou já o seu espaço no panorama editorial da Arqueologia portuguesa.

Justifica-se, pois, o esforço e, como desde o início, a revista continuará aberta a todos os que com ela queiram colaborar

António Carlos Valera

MISERICÓRDIA II (BERINGEL, BEJA): ALGUMAS NOTAS PARA O ESTUDO DO BRONZE FINAL NAS TERRAS DE BARROS

Patrícia Castanheira¹

Resumo:

O sítio de Misericórdia 2 (Beringel, Beja), um sítio de fossas enquadrável no Bronze Pleno/Final do Sudoeste, é aqui apresentado pela primeira vez, através de um estudo preliminar e genérico dos seus contextos e diferentes problemáticas a eles associáveis. Com recurso a uma abordagem eminentemente tafonómica, prezou-se sobretudo a compreensão dos diferentes tempos e ritmos de colmatação das estruturas e do sítio.

Abstract:

Misericórdia II (Beringel, Beja): some notes for the study of Final Bronze Age in the clay lands.

The site of Misericórdia 2 (Beringel, Beja), a late Southwest Bronze Age pit-site is presented in this paper for the first time. The preliminary study of its contexts and materials, mainly regarded a taphonomic approach, highlighting the comprehension and reading of the site's temporalities and rhythms of use-life.

1. Introdução

O sítio de Misericórdia II, localizado na freguesia de Beringel, concelho de Beja (Fig. 1), foi intervencionado no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela empresa Omniknos, Lda, no empreendimento da autoestrada do baixo Alentejo (IP8), em 2011 (Calvo e Miguel, 2012). A estratégia de intervenção consistiu na escavação de 11 sondagens, correspondentes a diferentes estruturas negativas identificadas em acompanhamento. Com exceção das sondagens 3 e 11, depressões de origem natural e um valado, respectivamente, as estruturas intervencionadas correspondem a fossas, de diferentes morfologias e volumetrias.

O sítio estende-se ao longo da pendente de um extenso conjunto de cerros, compreendidos entre os afluentes da Ribeira da Figueira, subsidiária do Rio Sado, a uma altitude média de cerca de 175m.

A paisagem de montado da planície alentejana caracteriza esta área de “Barros Negros”, pontuada por áreas esbranquiçadas na envolvente do sistema aquífero dos Gabros de Beja, correspondentes a áreas carbonatadas, genericamente designadas por caliços (Duque, 2005, p.69). É precisamente numa destas áreas que se implanta o sítio de Misericórdia II, na planície envolvente do principal marco paisagístico daquela área, a elevação do Outeiro do Circo (Fig. 2).



Figura 1 - Localização do sítio em CMP (509) 1:25000, fl 509.

¹ Nia-Era Arqueologia S.A. (psrcastanheira@gmail.com).

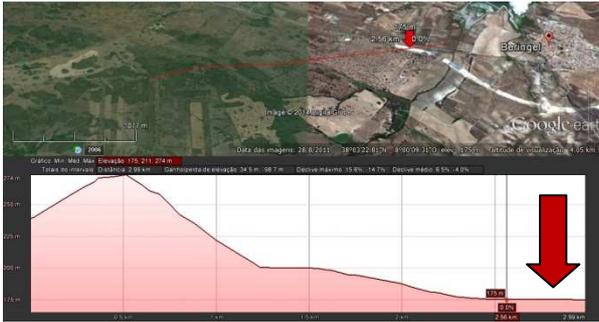


Figura 2 - Perfil topográfico da envolvente do Outeiro do Circo com implantação do sítio de Misericórdia II.

De um total de 11 sondagens realizadas, correspondentes a diferentes realidades identificadas após a remoção mecânica da camada de revolvimento que assentava directamente sobre o substrato geológico, o presente artigo tratará apenas das estruturas de tipo fossa, circunscrevendo-se às estruturas intervencionadas na primeira fase dos trabalhos de campo, nomeadamente aquelas nas quais foram recolhidos materiais arqueológicos, perfazendo um total de 6 contextos.

2. Os contextos

De um total de 11 sondagens realizadas, correspondentes a diferentes realidades identificadas após a remoção mecânica da camada de revolvimento que assentava directamente sobre o substrato geológico, o presente artigo tratará apenas das estruturas de tipo fossa, circunscrevendo-se às estruturas intervencionadas na primeira fase dos trabalhos de campo, nomeadamente aquelas nas quais foram recolhidos materiais arqueológicos, perfazendo um total de 6 contextos.

Fossa 1

A fossa 1 corresponde a uma estrutura negativa de morfologia sub-circular e perfil irregular, escavada no substrato de calço. A irregularidade do perfil advém de uma ligeira depressão no quadrante sudoeste da estrutura, onde aquela atinge uma profundidade máxima de 75 cm. Esta estrutura é colmatada por um único depósito, do qual provém um conjunto significativo de materiais, sobretudo aqueles relacionados com actividades metalúrgicas e que serão adereçados em capítulo posterior.

Fossa 2

Com uma profundidade máxima de 40 cm, a Fossa 2 apresenta uma morfologia sub-circular e um perfil tendencialmente aplanado, ainda que apresente uma pequena depressão sensivelmente ao centro da estrutura. Esta estrutura apresenta três diferentes níveis de preenchimento, ao longo dos quais se identificaram, à semelhança do referido para a Fossa 1, evidências de actividade metalúrgica.

Fossa 3

Esta estrutura polilobada é composta por uma fossa central, de morfologia sub-circular, com três outras estruturas semi-circulares adossadas. As temporalidades desta estrutura afiguraram-se difíceis de reconstituir, uma vez que o sedimento que colmatava as várias estruturas era em tudo semelhante.

Fossa 4

Esta fossa apresenta uma morfologia peculiar, assemelhando-se a uma espécie de “rim”. Atingindo a sua

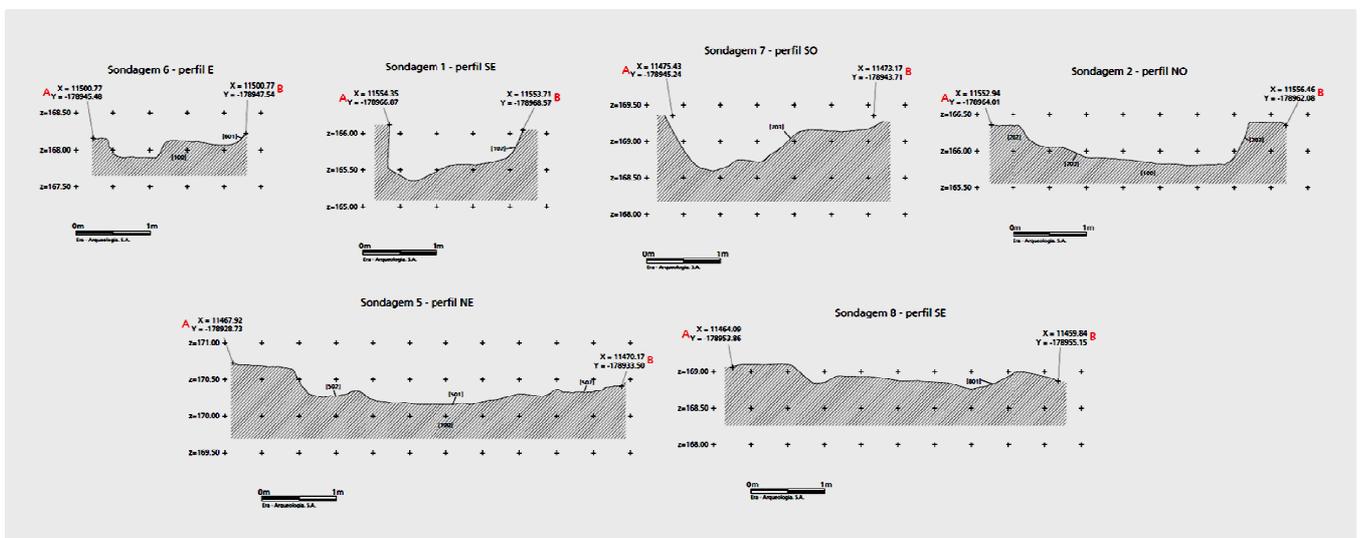


Figura 3 - Perfil das fossas intervencionadas.

profundidade máxima numa pequena depressão registada no quadrante Noroeste, a potência desta estrutura não ultrapassa os 21 cm, sendo preenchida por um único nível sedimentar.

Fossas 5 e 6

Na sondagem 7, foi identificada uma estrutura complexa, composta por duas fossas de morfologia circular, uma cortando a outra. Tanto o topo da sequência da Fossa 6, como a Fossa 5 eram colmatados pelo depósito [700], o que levou à sua interpretação como uma só estrutura, de natureza composta (Calvo e Miguel, 2012: p. 23). Sob este nível, a Fossa 6 era colmatada por um outro depósito, no qual foi recolhida a maioria dos materiais arqueológicos atribuíveis a esta estrutura.

Fossa 7

De morfologia tendencialmente ovalada, esta estrutura não ultrapassa os 26 cm de profundidade. Por outro lado, regista no seu eixo maior cerca de 2,5 m de extensão.

Sob um primeiro depósito de enchimento, numa posição centralizada, foi registado um alinhamento de blocos de gabro-dioritos que parece estender-se sobre o eixo maior da estrutura. Sob este alinhamento registou-se ainda um depósito composto sobretudo por argilas escurecidas e cinza, talvez referentes a uma qualquer estrutura de combustão. Associadas a este momento foram ainda registadas duas grandes taças carenadas, de boca voltada para baixo, alinhadas do centro para a periferia da fossa.

A complexidade desta estrutura parece denotar consequências de natureza sobretudo sincrónica. Isto é, as relações entre os diversos elementos parecem construir-se num tempo comum. Ainda que a escassa potência da própria estrutura e até a escassez de dados sobre o próprio sítio, inerentes aos condicionalismos de uma intervenção de minimização de impactos, invalidem leituras diacrónicas de maior que permitam aferir as suas relações espaço-temporais e até a atribuição de uma funcionalidade mais concreta.

3. Análise dos materiais

3.1 Aparelho cerâmico

A análise dos recipientes cerâmicos recolhidos incide sobre a totalidade do conjunto exumado no sítio e consistiu numa caracterização fundamentalmente morfológica das peças e na elaboração de uma tabela genérica de formas. A par disso, procedeu-se a uma caracterização das pastas, cozeduras e acabamentos das várias peças. O tratamento desta informação passou fundamentalmente por proceder a uma análise estatística dos universos em estudo.

Ainda que não tenha sido realizada com a mesma exatidão já empreendida para outros conjuntos (Castanheira, 2014; Castanheira e Pereiro, em preparação), uma das preocupações do estudo do conjunto cerâmico foi o recurso

a uma abordagem tafonómica. O principal objectivo deste exercício passa pela caracterização genérica das condições de deposição dos materiais cerâmicos e eventuais alterações pós-deposicionais, recorrendo a uma perspectiva biográfica que nos permita propor narrativas possíveis para o uso-vida dos vários recipientes/fragmentos.

A tabela de formas é então a seguinte:

Tipos	Sub-tipos	Descrição
1		Taças - Recipientes abertos ou ligeiramente fechados, de pouca profundidade, de base convexa ou convexo aplanada
	1.1	Taças de bordo direito ou arredondado, de configuração em calote
	1.2	Taças de bordo direito ou arredondado, de configuração em calote e base aplanada
2		Tigelas - Recipientes abertos ou fechados, de configuração à base da esfera e apresentando, por vezes, pegas laterais. Distinguem-se das taças por apresentarem índices de profundidade mais elevados.
3		Taças carenadas - Recipientes abertos, compostos por uma base em calote esférica ou aplanada (por vezes com ônfalo) e por um corpo troncocónico, romboidal ou hiperbolóide
	3.1	Taças com carena alta
	3.2	Taças com carena média
	3.3	Taças com carena baixa
4		Globulares - Vasos de corpo globular, com ou sem colo
5		Potes - Recipientes de paredes convergentes para o bordo e predominantemente rectas
6		Vasos de corpo troncocónico
7		Vasos de colo estrmagulado - Recipientes complexos de corpo inferior globular e corpo superior troncocónico invertido, de bordo direito ou arredondado
8		Taças/Tigelas de base plana - Recipientes abertos ou ligeiramente fechados, de base plana
	8.1	Taças de bordo direito ou arredondado, com base plana
	8.2	Tigelas fechadas, pouco profundas, de bordo plano ou arredondado e base plana
9		Base planas - Recipientes cujo corpo superior não foi possível recuperar e cuja base, plana, apresenta diferentes morfologias.
10		Vasos de base plana - Recipientes de grandes dimensões cujo corpo superior não foi possível reconstituir, de base plana.

Tabela 1 – Tabela de formas cerâmicas.

Em termos gerais, o conjunto é claramente dominado por formas carenadas (36%), sobretudo aquelas de carena média (tipo 3.2). Seguem-se as formas fechadas, globulares simples, que correspondem a cerca de 14% do conjunto, e recipientes de corpo superior troncocónico (6%). Porém, os cenários parecem variar de estrutura para estrutura, não só no que diz respeito à distribuição dos vários tipos de recipientes como, e talvez de forma mais significativa, no que diz respeito aos diferentes graus de fragmentação e desgaste das peças e fracturas. Desta forma, optou-se por apresentar a leitura individual de cada uma das estruturas estudadas.

Fossa 1

No depósito que colmata esta estrutura – UE 101 – foi recolhido um total de 19 bordos, 2 bases planas e uma asa de fita. Como já se referiu, optou-se por individualizar na

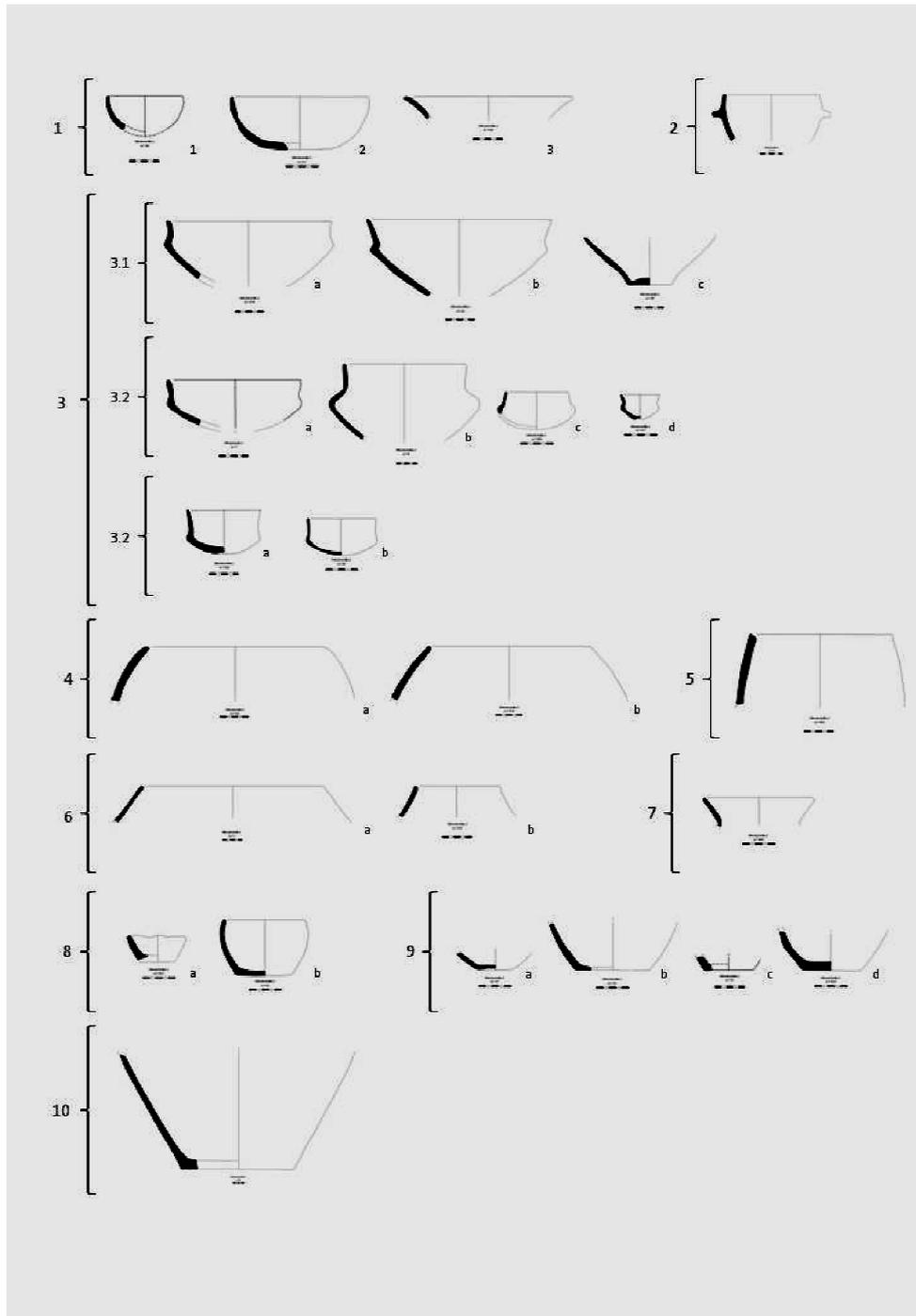


Figura 4 – Tabela de formas cerâmicas.

Estrutura	Fossa 1	Fossa 2	Fossa 4	Fossa 5/6	Fossa 7
1					
1.1					
1.2					
1.3					
2					
3					
3.1					
3.2					
3.3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					

Tabela 2 – Distribuição de formas por estrutura.

tabela tipológica a categoria de bases planas cuja morfologia do recipiente original não fosse possível de reconstituir, por dele apenas restar a base propriamente dita. Desta forma, as bases planas recolhidas nesta fossa correspondem aos sub-tipos a e c, bases planas onfaladas e bases planas simples, respectivamente.

Em relação aos bordos recolhidos, 4 não permitiram reconstituição de forma, correspondendo três deles a formas fechadas e apenas um a uma forma aberta, possivelmente enquadrável na categoria de taça carenada. O conjunto reconstituível é dominado pelas formas abertas, nomeadamente taças e taças carenadas, correspondendo estas últimas a cerca de 38% do aparelho cerâmico desta fossa. No âmbito desta categoria, destaca-se a presença exclusiva de taças de carena média e baixa, encontrando-se ausentes do conjunto as taças de carena alta.

Ainda no âmbito deste depósito foram recolhidos alguns bordos correspondentes a formas fechadas, globulares ou de corpo superior troncocónico. Entre estas, destaca-se o facto de uma das peças com maior número de fragmentos (n.º1) apresentar diferentes histórias pós-deposicionais, com alguns fragmentos queimados na superfície e fractura que colam com fragmentos que não apresentam qualquer evidência de sujeição a fogo. De referir é também o facto de as peças recolhidas nesta fossa serem as que apresentam maiores graus de desgaste de fracturas, associados a formações carbonatadas nas superfícies dos fragmentos. Refira-se ainda a recolha de uma parte de um grande recipiente de armazenamento, de base plana, cujo corpo superior não foi possível reconstituir (Fig. 5).

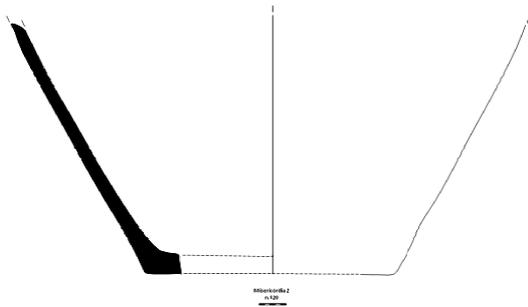


Figura 5 – Recipiente de armazenamento recolhido na UE 101 (n.º 20).

Fossa 2

À semelhança do conjunto anterior, a maior percentagem de peças (44%) de um total de 50 corresponde a taças carenadas. Porém, para 11 delas não foi possível discernir a que sub-tipo corresponderiam, até por várias se tratarem apenas de carenas. O total de recipientes fechados recolhidos nesta estrutura é inferior ao da anterior, ao contrário do que se verifica para o número de bases planas, num total de 5 peças. Entre estas, destaca-se a presença de bases associadas a corpos aglobulados, semelhantes ao

das peças do tipo 8b, ainda que a ausência de bordos inviabilize a sua classificação como tal. Refira-se ainda que apenas nesta fossa e na anterior foram recolhidos fragmentos de taças de configuração em calote.

Por último, reporte-se igualmente a presença de um fragmento particular, cuja funcionalidade e até morfologia original se desconhecem (Fig. 6).

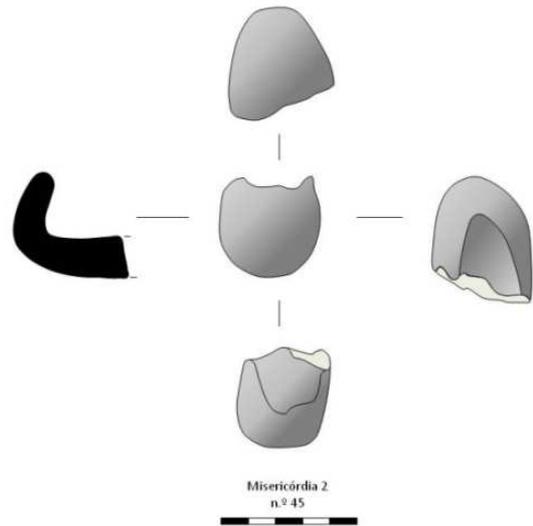


Figura 6 – Fotografia e representação gráfica da peça n.º 45.

Fossa 3

O conjunto de bordos desta fossa corresponde apenas a 3 exemplares, todos de forma indeterminável, o que levou à opção de não o representar na Tabela 2.

Fossa 4

O aparelho cerâmico desta fossa denota já algumas diferenças em relação ao cenário das estruturas anteriores, assemelhável apenas àquele registado na Fossa 7. Este

conjunto de 30 peças é dominado, mais uma vez, pelas taças carenadas. Contudo, regista-se pela primeira vez a presença de taças de carena alta, encontrando-se uma delas decorada com um ornato brunido no seu interior, com motivo reticulado. Ao contrário do que se verificou para as demais fossas, várias das peças parecem combinar aguadas e brunidos, enquanto para as formas fechadas a preferência parece ser um cepilho grosseiro.

Ao nível das alterações pós-deposicionais, o conjunto cerâmico evidencia algum desgaste ao nível das fracturas, ainda que as dimensões médias dos fragmentos (sobretudo dos bojos) sejam superiores às dos demais conjuntos: recolheram-se 82 bojos, que perfazem um total de 4,700 kg, fazendo deste conjunto aquele que menos alterações parece ter sofrido, o que poderá evidenciar tempos de exposição menores num contexto prévio.

Fossa 5/6

carenadas, metade das quais de carena média. Ainda que a escassez de materiais do primeiro nível de enchimento desta estrutura nos tenha levado a tratar os dados aferidos em conjunto com os da UE 702, o facto é que esta estrutura é composta por duas fossas e a maioria dos materiais provém precisamente da estrutura mais antiga (ainda que esta antiguidade seja relativa, pois que ambas as fossas parecem ter sido pensadas como um todo (Calvo e Miguel, 2012: p. 23).

O restante do conjunto é dominado por fragmentos de dimensões reduzidas que não permitiram reconstituição de forma, o que se coaduna com o cenário registado para os bojos, que apesar de apresentarem um número razoável (81), o peso dos mesmos não ultrapassa as 1.450 g.

No depósito mais antigo foram ainda identificados vários fragmentos do que parece ser uma peça única (ainda que só tenha sido possível colar 3 dos 7 fragmentos), de forma indeterminável. O fragmento apresentava uma decoração cobridora, com recurso a incisão, numa clara filiação com o universo mesetenho (Fig. 7).

Por último, nesta fossa recolheu-se ainda uma peça cuja funcionalidade original desconhecemos e que se configura num objecto carenado, circular e sem fundo (Fig. 8).

Fossa 7

Como anteriormente se referiu, esta estrutura afigurou-se de leitura algo mais complexa do que as anteriores, sendo que também ao nível dos materiais denotou significativas diferenças em relação aos demais conjuntos, não necessariamente por uma variação nas morfologias e processos produtivos, mas sobretudo pelo estado de conservação, deposição e dimensão dos vários elementos. Se, por um lado, o conjunto é novamente dominado por taças carenadas (39%), o facto é que uma parte significativa daquelas se encontra representada por mais de 40% do recipiente. Duas delas, inclusivamente, foram recolhidas

quase inteiras, com a boca voltada para baixo, junto ao fundo da fossa, no limite do quadrante noroeste (Fig. 9).

Também sob o alinhamento pétreo, na UE 803, um depósito enegrecido com cinza e carvão, foi recolhida uma tigela de base plana (tipo 8.2) inteira. A peça, no entanto, não apresentava quaisquer indícios de sujeição ao fogo.

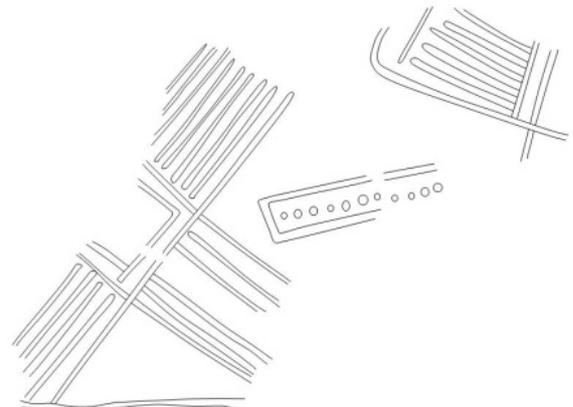


Figura 7 – Decoração de filiação cogótica recolhido na UE 702.

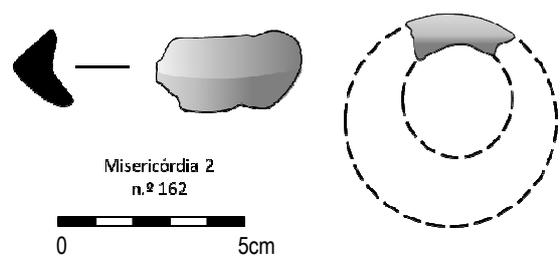


Figura 8 – Objecto indeterminado recolhido na UE 702.

As pastas algo grosseiras, associadas a tratamentos pouco cuidados, traduzem-se em graus de desgaste médios a elevados de uma significativa parte das peças. As peças mais inteiras (Fig. 9), por outro lado, apresentam também elas contrastantes histórias-uso. Se por um lado as taças carenadas apresentam pastas de textura granulosa e tratamentos sobretudo à base de simples alisamentos, as formas fechadas de maior dimensão apresentam pastas bem depuradas e tratamentos impermeabilizantes de melhor qualidade.

Curiosamente, o número de bojos recolhidos na Fossa 7 é bastante reduzido, não excedendo as 20 peças. Estes fragmentos configuram-se em diferentes categorias de peso e dimensão, denotando um significativo contraste entre os fragmentos que eventualmente corresponderão a taças carenadas e aqueles que corresponderão a formas fechadas, algumas de dimensão aparentemente considerável.



Figura 9 – Detalhe dos materiais cerâmicos recolhidos na Fossa 8.

3.2 Metalurgia

No total foram recolhidos 7 fragmentos metálicos e dois cadinhos, provenientes das Fossas 1 e 2. Terá sido na fossa 2 que se recolheu o conjunto mais interessante: a saber, uma ponta de seta (Fig. 11), uma barrinha e alguns pingos de fundição. Na fossa 1, por outro lado, recolheram-se os dois fragmentos de cadinho, 3 fragmentos de forma não reconstituível e um fragmento que poderá eventualmente tratar-se de fíbula (Fig. 10). Porém, reservar-se-á para trabalho posterior o estudo destas peças.

4. Discussão

A relativa distância entre as várias estruturas escavadas e a ausência de associações directas entre elas dificultou de forma considerável a sua interpretação, sobretudo como um todo homogêneo, que o conjunto claramente demonstrou não ser. Desta forma, optou-se por avaliar as diferentes estruturas individualmente, no âmbito das diversas problemáticas associadas a sítios de fossas desta cronologia.



Figura 10 – Fragmento indeterminado (Fotografia de Filipe Oliveira).



Figura 11 – Ponta de seta (Fotografia de Ever Calvo).

Para a etapa final da idade do Bronze do Sudoeste tem-se discutido sobretudo a invisibilidade de habitats que claramente demonstrem sê-lo no sentido convencional. Desta forma, tem-se procurado associar algumas estruturas negativas a modelos habitacionais conhecidos para contextos etnográficos, onde se designam por pithouses estruturas negativas de amplo diâmetro, escassa profundidade, associadas a buracos de poste, áreas de armazenamento interiores e eventuais estruturas de combustão (Rocha, 2012; Antunes *et al.*, 2008). Para etapas anteriores, nomeadamente na transição calcolítico/bronze, a tendência tem sido para o abandono deste tipo de propostas

(Jimenez Jaímez, 2006-2007, 2007, 2008; Jimenez Jaímez e Marquez Romero, 2006). Jimenez Jaímez (2006-2007) levanta algumas questões em relação a esta solução arquitectónica: sendo tradicionalmente associadas a condições climáticas extremas, as pithouses tem sido interpretadas, à luz de um evolucionismo linear, como soluções arcaicas projectadas por comunidades com elevados índices de mobilidade (*Idem*). De morfologias diversas, que parecem variar em função de opções estilísticas próprias de cada grupo, as pithouses parecem dispor ainda de um relativo constrangimento espacial, sendo que geralmente não se coadunam com ocupações de planície e sim com implantações no topo de cerros, que permitam evitar eventuais inundações. Outro dos problemas levantados por leituras deste tipo para sítios de fossas como Misericórdia 2, parece ser uma certa invisibilidade arqueográfica de eventuais acessos ao interior das habitações: se considerarmos fossas de maior profundidade como pithouses, o espectável seriam acessos como aqueles que se conhecem para as estruturas tipo hipogeu, com rampas ou degraus. Certamente que a entrada poderia ainda ser feita pela própria cobertura (*Idem*). Para fossas de profundidades menores, a ausência mais flagrante parece ser aquela dos buracos de poste que permitissem sustentar coberturas perecíveis. Em relação ao acesso das últimas, a escassa profundidade não requereria a implementação de mais soluções construtivas.

Ora, no caso da Fossa 8, muito similar a exemplos de Entre Águas 5 (Rocha, 2012; Antunes *et al.*, 2008) ou Salsa 3 (Antunes *et al.*, 2008), por sua vez interpretados como possíveis fundos de cabana, os dados parecem-nos inconsistentes com uma interpretação semelhante. Se por um lado regista alguns elementos que parecem coadunar-se com esta leitura: sedimento escurecido e com uma concentração de cinzas na área central da fossa; pequena depressão escavada no quadrante Este. Por outro lado, a ausência de buracos de poste, centrais ou periféricos, e material de revestimento, associada à irregularidade das paredes da fossa, que inclusivamente apresentam uma certa inclinação apesar do perfil aplanado do fundo, o que não se coaduna com cenários habitáveis, pois que propiciaria o escoamento de águas pluviais para o centro da estrutura, parece invalidar a sua interpretação como fundo de cabana, ainda que essa seja sempre uma opção em aberto, dada a escassez de dados disponíveis.

A extensão da fossa, a presença de um alinhamento pétreo na área central e as duas taças inteiras de boca voltada para baixo, por sua vez, levantaram igualmente diversas dúvidas quanto à utilização desta estrutura. Porém, como anteriormente se referiu, os dados disponíveis são escassos e não permitiram leituras de maior no que refere à utilização deste espaço.

No que refere às demais estruturas, pouco se pode acrescentar no plano interpretativo, pois também os dados recolhidos durante o estudo dos escassos materiais analisados não permitiram avançar leituras de maior. De referir é talvez a situação das Fossas 4/5 que, como se disse, foram interpretadas como uma estrutura compósita.

Não tendo sido possível aferir a natureza da sua utilização, interessa talvez mencionar tratar-se de uma solução arquitectónica recorrente neste tipo de sítios, estando documentada, por exemplo, nos sítios de Misericórdia 1 (Filipe *et al.*, 2011) e Bela Vista 3 (Miguel, 2013), também eles intervencionados no âmbito do empreendimento de construção da IP8. Também para estes sítios os autores admitem a existência de soluções compostas, ou pelo menos cujo preenchimento parece ter ocorrido num mesmo momento no tempo. Quanto à utilização destas estruturas, também os dados recolhidos se mostraram insuficientes.



Figura 12 – Alinhamento pétreo no interior da Fossa 8.



Figura 13 – Plano final da Fossa 8, com a pequena depressão a Este.

5. Considerações finais

Enquadrável numa fase plena/final do Bronze do Sudoeste (1167-1047 cal BC (2 σ) (Mataloto *et al.*, 2014)), o sítio de Misericórdia 2, mais do que acrescentar dados às leituras do território alentejano para este período, levanta sobretudo mais questões. Quando colocada a tónica nos processos pós-deposicionais de sítios de fossas enquadráveis nesta cronologia, os ritmos de utilização dos espaços parecem coadunar-se com utilizações de um mesmo espaço intercaladas no tempo e associadas a contextos hoje inexistentes, mas cuja relação com os contextos em negativo se afigura fundamental para a compreensão dos espaços pretéritos, das vivências e, porque não, mentalidades e formas de estar no mundo das comunidades da segunda metade do II milénio a.n.e.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, A. S.; DEUS, M.; SOARES, A. M.; SANTOS, F.; ARÊZ, L.; DEWULF, J.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, L. (2008), "Povoados abertos do Bronze Final no Médio Guadiana", J. JIMÉNEZ ÁVILA, Ed. *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final*, Anejos de Archivo Español de Arqueología, LXII, p. 277-308.
- CALVO, E.; MIGUEL, L. (2012), *Misericórdia 2: Relatório Final*. Era Arqueologia, Versão policopiada, 43 p.
- CASTANHEIRA, P. (2014), "Os conjuntos artefactuais cerâmicos de Bela Vista 5 (Mombeja, Beja)" A.C. VALERA Coord. *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º Milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*, Era Monográfica, n.º 2. p. 59-86.
- CASTANHEIRA, P.; PEREIRO, T. (em preparação), Piecing the puzzle together: A methodological approach to fragmentation in prehistoric contexts. The cases of Monte da Robalinha (Nossa Sra. Das Neves, Beja) and Quinta do Estácio 6 (Baleizão, Beja).
- DUQUE, J. (2005), *Hidrogeologia do Sistema Aquífero dos Gabros de Beja*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Versão policopiada.
- FILIFE, I.; FERNANDES, M.; CALVO, E.; MORO, J. (2012), *Misericórdia 1: Relatório Final*, Era Arqueologia, Versão policopiada, 165 p.
- JÍMEZ JAÍMEZ, V. (2006-2007), "Pithouses versus Pits. Apuntes para la resolución de un problema arqueológico", *Portugália*, Nova Série, Vol. XXVII - XXVIII, p. 35-48.
- JÍMEZ JAÍMEZ, V. (2007), "La premissa Pompeya y las "cabañas semisubterráneas" del sur de la Península Ibérica (IV-III milénios AC)", *Mainake*, XXIX (2007), p. 475-492.
- JÍMEZ JAÍMEZ, V. (2008), *Recintos de fosos: genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del Suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios AC)*, Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Málaga, Versão policopiada.
- JÍMEZ JAÍMEZ, V.; MÁRQUEZ ROMERO, J. E. (2006), "Aquí no hay quien viva". Sobre las cazas-pozo en la Prehistoria de Andalucía durante el IV y el III milénios AC", *Spal*, Vol. 15, p. 39-49.
- MATALOTO, R.; MARTINS, J. M.; SOARES, A. M. (2014), "Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Vol. 20, Oeiras, Câmara Municipal, p. 303-338.
- MIGUEL, L. (2013), *Bela Vista 3: Relatório final*, Era Arqueologia, Versão policopiada, 220 p.
- ROCHA, M. (2012), *Entre Águas 5: estrutura [204]*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Versão policopiada, 256 p.
- SOARES, A. M. (2005), "Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 8, n.º 1, p.111-145.